

A decoração arquitetónica de época Romana -aspectos de centralidade/descentralidade entre o *Territorium Olisiponense* e a capital da Lusitânia

LÍDIA FERNANDES¹ ARQUEÓLOGA, MUSEU DA CIDADE DE LISBOA.

Introdução

➤ Se as relações económicas e administrativas constituem aspetos comprovados da influência que qualquer capital exerce sobre o território que administra, importa saber até que ponto essa mesma influência se manifestou em aspetos distintos que se prendem essencialmente com o valor estético, com a moda e com o gosto. Tentaremos abordar esta questão partindo de um capitel corintizante que atualmente se encontra junto à Igreja Matriz de Cadafais (Alenquer)². Este, pela decoração e especificidades técnicas e estilísticas que ostenta, permitirá delinear um quadro mais alargado sobre as possíveis influências que a cidade de *Emerita Augusta*, capital da província da Lusitânia, terá exercido na província sob a sua jurisdição.

Se bem que seja este o ponto de partida, se nos propusermos obter ideias mais abrangentes sobre o tema em questão, o capitel em apreço não bastará por si. Assim, será somente a análise de um pertinente conjunto de capitéis na área geográfica delimitada pelas principais vias de comunicação entre *Olisipo* e *Emerita Augusta*, que possibilitará o estabelecimento de ideias mais precisas quanto a este complexo campo das influências culturais e respetiva materialização.

O facto deste exemplar se integrar tipologicamente no que se designa por “capitel corintizante”, impele-nos a analisar este tipo decorativo que, apesar de não tão popular quanto o capitel coríntio que lhe dá origem, constitui um dos tipos predominantes na decoração arquitetónica no Império Romano. Este fenómeno deve-se certamente a uma intensa e extensa divulgação dos cartões decorativos, assim como à liberdade decorativa que estas peças possibilitavam. Mas olhemos esta peça também como um objeto com valências próprias que nos remete para um campo intrincado de influências decorativas, de normas rígidas e liberdades de artista que o transformam num exemplar singular. A junção de motivos decorativos, aliada a uma liberdade temática relativamente invulgar, leva-nos a considerar este exemplar como uma peça que merece, sem qualquer dúvida, um olhar mais demorado.

Análise descritiva

O capitel que nos ocupa³ integra-se no estilo corintizante o qual, como teremos ocasião de explicitar mais pormenorizadamente, provém do capitel da ordem coríntia. Esta peça apresenta o *kalathos*, ou corpo do capitel, decorado com dois níveis de folhas do tipo corintizante⁴ (Fig. 1).

O primeiro nível, ou *imma folia*, é composto por folhas que ocupam perimetralmente todo o corpo do capitel, com uma altura de 15 cm, apresentando-se aderentes ao *kalathos*, apenas dele se distanciando na sua parte superior através da respetiva curvatura. As folhas possuem seis lóbulos de cada lado, com terminação arredondada. A separação dos lóbulos

é feita por um pequeno ponto de trépano. A parte central é ocupada por três nervuras, paralelas entre si, apenas divergindo mais acentuadamente na parte superior, de forma a acompanhar a curva da folha para o exterior. São acentuadamente largas, ainda que a maior parte da sua superfície seja ocupada pelas nervuras centrais e não pelas divisões lobulares. A definição dos lóbulos laterais é pouco acentuada, com recorte pouco abrangente e de traço um pouco superficial, aspetos que conferem a estes elementos uma aparência pouco orgânica e de grande rigidez visual.

Da parte superior desta primeira coroa de folhas, arrancam quatro elementos foliáceos que se elevam até aos ângulos do ábaco e que nos capitéis corintizantes vêm substituir a tradicional *summa folia* ou coroa superior de folhas. Com catorze lóbulos, sete de cada lado, a morfologia destas folhas é idêntica à observada nos elementos anteriores. A parte central, ou seja o espaço entre a folha angular e o corpo do capitel, é vazada, o que confere um vincado efeito de claro-escuro. A curvatura superior destes elementos é acentuada, de forma a acompanhar a total dimensão do ábaco. Este é alto, com 10 cm de altura, apresentando duas pequenas molduras a decorá-lo e um sulco na sua ligação ao *kalathos*. Infelizmente não se conserva a flor, a qual deveria ter estado presente no centro de cada uma das suas quatro faces. Não obstante, o arranque conservado desse motivo permite-nos afirmar que ocuparia a quase totalidade da altura do ábaco⁵. Importa ainda sublinhar que as faces do ábaco são reentrantes, o que obriga a uma projeção acentuada dos respetivos ângulos.

O aspeto mais importante deste exemplar prende-se com a decoração que ostenta nas quatro faces centrais do *kalathos*. Com efeito, se bem que nos surjam aqui decorações tidas como vulgares dentro do léxico decorativo do capitel corintizante, é a associação de três tipos de ornamentos distintos que consideramos invulgar.

Em duas das faces, contíguas entre si, observa-se uma palmeta (Fig. 2). Este elemento encontra-se extremamente bem delineado, apresentando oito lóbulos, quatro de cada lado, cujas hastes saem de um meio círculo (ligeiramente assimétrico) que se posiciona no eixo da face do *kalathos*, que é, simultaneamente, o eixo da folha central do primeiro nível de folhas. A terminação dos lóbulos da palmeta é curiosa pois adota a forma de uma borla. Estes lóbulos são largos e têm uma altura de 15 cm, abrangendo superiormente parte da molduração inferior do ábaco⁶. O motivo abrange a quase totalidade desta face livre do corpo do capitel.

A outra face é ornamentada pelo motivo das hastes apostas (Fig. 3). Partindo da parte superior da folha da primeira coroa, as duas hastes convergem entre si no centro do *kalathos* divergindo na parte superior, enquadrando a flor do ábaco. As hastes possuem seis lóbulos de cada lado. Estes lóbulos somente se encontram demarcados no seu contorno exterior, sendo morfologicamente similares aos da *imma folia*, ainda que as respetivas terminações se encontrem melhor delineadas e apresentem uma morfologia mais apontada. De cada uma das faces exteriores das hastes, observa-se uma flor quadripétala com botão central relevado.

A face restante do capitel é decorada por uma flor de grandes dimensões que originalmente teria seis pétalas mas que apenas conserva cinco (Fig. 4). As pétalas são de morfologia amendoada, de terminação pontiaguda mas de corpo largo. Esta flor não possui botão central, ao invés das rosetas que descrevemos na face anterior, afastando-se da tipologia habitual das flores que vemos talhadas neste tipo de peças. A excelente definição deste motivo contrasta com a sua simplicidade orgânica, sendo o único exemplar que conhecemos que o emprega, distanciando-se assim, do léxico ornamental mais habitual nos capitéis corintizantes.

Análise comparativa

Encontramos alguns paralelos para os motivos liriforme e palmeta do capitel de Cadafais, em exemplares de quase todo o Império Romano uma vez que se trata, como já referimos, de um léxico bastante padronizado. No entanto, serão alguns capitéis em território atualmente nacional que nos oferecem semelhanças mais evidentes.

No território que agora nos ocupa – ou seja, na área compreendida entre as vias romanas que, a Sul e a Norte, ligavam a capital de província da *Lusitânia*, *Emerita Augusta*, à cidade de *Olisipo*⁷ – sabemos da existência de peças corintizantes em vários locais (Quadro 1): um pequeníssimo fragmento do qual apenas se conserva uma palmeta da *imma folia* provém de Estremoz e encontra-se depositado nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia (FERNANDES, 1997, n° 104); também depositados no mesmo local existem um capitel e um fragmento de outro, dos quais não existe qualquer informação sobre a respetiva proveniência, os quais também integramos na definição de corintizantes, (FERNANDES, 1997, n°s 111 e 105); uma outra peça – depositada no mesmo museu e possuindo a indicação museográfica “arredores de Lisboa” – é em nossa opinião, também uma peça deste tipo (FERNANDES, 1997, n° 112), ainda que, se possa colocar a hipótese de ser um capitel de folhas lisas com decoração vegetalista do *kalathos*⁸; de Évora temos conhecimento de dois exemplares (FERNANDES, 1997, n°s 103 e 110) e de Alcácer do Sal existe um outro (Fig. 5) (G. BEHEMERID, 1992, n° 834; FERNANDES, 1997, n° 106); de S. Miguel de Odrinhas provém duas peças, depositadas no Museu Nacional de Arqueologia (FERNANDES, 1997, n°s 107, 108 e 109)⁹; em Cascais, concretamente na *villa* romana de Freiria foi encontrado outro exemplar (CARDOSO, 1991, p. 76; FERNANDES, 1997, n° 102); da intervenção arqueológica levada a cabo na Casa dos Bicos, em Lisboa, provém um capitel corintizante, com a particularidade de se destinar, tal como o anterior, a uma pilastra de adossamento (atualmente em exposição no Museu da Cidade) (FERNANDES, 1997, n° 101; FERNANDES, 1998, p. 113-135) (Fig. 6); de Constância, mais precisamente da Herdade do Carvalhal, temos conhecimento de um outro espécime, ainda que fragmentado (FERNANDES, 1997, n° 97) e finalmente, em Santarém, na Igreja de Stª Maria do Castelo, existem três exemplares reaproveitados no interior da Igreja (FERNANDES, 1997, vol. II, n° 98, 99 e 100; FERNANDES, 2003, p. 65-80) (Fig. 7).

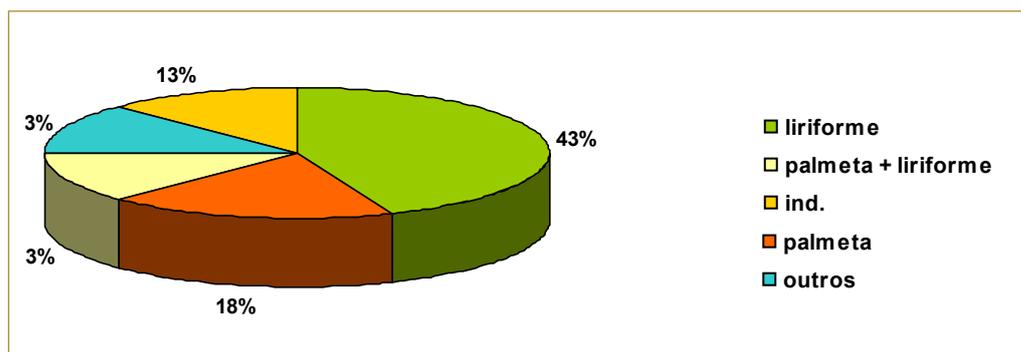
Recentemente tivemos a informação da existência de um outro capitel corintizante em Lisboa¹⁰ o qual, apesar de não termos tido oportunidade de o observar pessoalmente, nos parece ser uma peça tardia, talvez do século III.

QUADRO 1

PROVENIÊNCIA	MOTIVOS ORNAMENTAIS	OBSERVAÇÕES	CRONOLOGIA
Évora	liriforme	faces iguais	séc. II
Évora	liriforme	faces iguais	2ª met. séc. II / séc. III
Alcácer do Sal	liriforme + palmeta	faces iguais duas a duas	meados / 2ª met. séc. II
Reservas M.N.A.	dois tipos de liriforme + palmeta	2 faces iguais	2ª met. séc. II ou séc. III
Reservas M.N.A.	motivo vegetalista	faces iguais	séc. IV
Reservas M.N.A.	?	fragmento	séc. II?
S. Miguel Odrinhas	liriforme	faces iguais	meados / 2ª met. séc. II
S. Miguel Odrinhas	liriforme	faces iguais	meados / 2ª met. séc. II
Cascais (Freiria)	palmeta	pilastra de adossamento	1ª met. / meados séc. II

PROVENIÊNCIA	MOTIVOS ORNAMENTAIS	OBSERVAÇÕES	CRONOLOGIA
Lisboa (Casa dos Bicos)	palmeta	pilastra de adossamento	1ªmet. / meados séc. II
Lisboa (Alfama)	liriforme		Séc. III ?
Santarém	palmeta	faces iguais (?)	1ªmet. séc. II
Santarém	liriforme	faces iguais	1ªmet. séc. II
Santarém	liriforme	faces iguais	1ªmet. séc. II
Herdade do Carvalhal	vegetalista	fragmento	inícios séc. II

GRÁFICO 1



Em todas estas peças encontramos motivos similares que se enquadram nos *ornamenta* típicos do capitel corintizante. Em quinze destes dezasseis exemplares conserva-se parte do corpo da peça sendo possível, deste modo, saber qual o tipo de decoração que as respectivas faces ostentavam (Quadro 1). Os motivos predominantes são o liriforme e a palmeta, como se pode claramente observar no Gráfico 1, surgindo o primeiro numa percentagem nitidamente superior (42%). Se compararmos com dados disponíveis para outras regiões do Império, poderemos concluir que estas considerações também se aplicam, constituindo-se o motivo liriforme como o mais frequente¹¹.

No capitel de Cadafais o motivo liriforme é semelhante a muitos outros, ainda que seja possível observar algumas diferenças. Com efeito, as hastes vegetalistas que se tocam a meio do *kalathos*, para depois se afastarem novamente direcionando-se para os ângulos do mesmo, parecem mais pequenas do que na verdade são. O principal papel é desempenhado pelas duas rosetas, sendo os caules demasiado estilizados. Outra diferença verifica-se na junção das hastes. A quase totalidade das peças que empregam este motivo, como é evidente num capitel corintizante de Alcácer do Sal, possui um elemento a unir as hastes, quer seja uma moldura simples ou compósita, correspondendo a uma materialização da união dos caules, o que aqui não se verifica.

No caso do motivo da palmeta, são também inúmeros os capitéis que o ostentam. No entanto, a grande particularidade deste ornamento refere-se à terminação em “borla” dos diversos lóbulos, aspeto sobre o qual adiante nos debruçaremos.

Se para três das quatro faces do capitel de Cadafais é fácil encontrar paralelos, em contrapartida desconhecemos outro exemplar que possua um motivo semelhante à estrela de seis pontas que visualizamos na outra face (Fig. 4). Quer nas peças acima mencionadas, quer em outras registadas por todo o império romano, não temos informação da existência de ornamentos similares. Este ornamento constitui, assim, um elemento curioso e algo insólito, contrabalançado no entanto, pela sua singeleza e simplicidade.

O Capitel corintizante

Vitrúvio na sua obra não menciona este tipo de capitel, integrando-o, a par de outros, num mesmo conjunto caracterizado por apresentar decorações variadas¹². Do coríntio reemprega a mesma morfologia, o ábaco decorado e alguns dos elementos vegetalistas. No entanto, as volutas são agora substituídas por folhas alongadas que se posicionam nos quatro ângulos do corpo e as faces centrais são decoradas por tipos de ornamentos variados, sempre vegetais. Esta “vegetalização das volutas”, segundo a expressão de Patrício Pensabene, é um processo que se observa a partir dos séculos. I e II e que se traduz essencialmente pela recuperação de alguns ornamentos helenísticos (PENSABENE, 1973, p. 218). Será precisamente esta característica da vegetalização dos vários elementos do capitel que levou à sua individualização, realizada pela primeira vez por Ronczewsky na análise feita sobre capitéis romanos com decoração variada (1923).

O motivo liriforme, tal como os restantes, engloba múltiplos subtipos e pequenas variantes os quais, dada a sua multiplicidade, dificilmente possibilitam uma integração tipológica. Os principais grupos decorativos deste capitel foram definidos por Ronczewsky (1923, p. 123) e, a par do motivo liriforme, os outros dois grandes conjuntos são o do cálice central e o do duplo S. Outras variantes, com menor percentagem de ocorrências, foram definidas e individualizadas em 1973 por P. Pensabene (p. 230-250): “cálice central com volutas nascendo dos caulículos”; “hélices e volutas sem cálice”; “com influências do capitel compósito”; “com volutas entrelaçadas” e “motivos vários”. Pensamos ser desnecessária esta multiplicação de grupos uma vez que é a singularidade decorativa dos capitéis corintizantes que exatamente os define, constituindo a deteção de novos motivos um facto bastante curioso mas, claramente, não inesperado.

As duas coroas de folhas que tradicionalmente encontramos no capitel coríntio (a *imma* e a *summa folia*), apresentam-se agora, na maior parte dos casos, reduzidas a uma, ainda que por vezes se observe o esquema tradicional. Localizam-se junto à base do capitel e abrangem todo o perímetro. Outra grande diferença em relação ao capitel coríntio consiste na nova decoração das faces do *kalathos*. Se, naquele, estas eram preenchidas pela *summa folia*, caulículos, hélices e arranques das volutas, essa decoração é agora abandonada, optando-se por esquemas decorativos livres que não seguem um padrão tão rígido. Será precisamente esta liberdade ornamental que imputará uma tão grande popularidade a este tipo de capitel.

As folhas, inferiores e angulares, correspondem a uma espécie de matriz que se mantém em praticamente todos os exemplares. São agora empregues folhas acantizantes/corintizantes estilizadas que se afastam, morfológica e conceptualmente, das do mundo natural. Serão geralmente empregues em combinação com um novo tipo de folhas, as palmetas, que constituem, definitivamente, o elemento foliáceo favorito, sobretudo durante a época de Augusto.

Não se pode precisar uma data para a introdução deste tipo de capitel na linguagem plástica de época romana. Um dos primeiros locais onde se observa a sua intensa aplicação é na cidade de Pompeia onde, para além dos espécimes que nos chegaram, se encontra bem atestada a sua presença através dos frescos que decoravam o interior das habitações e de restantes edifícios. Quanto a este aspeto, importa igualmente sublinhar, que este tipo de peças se encontra associado sobretudo a edifícios privados. Refere-nos G. Behemerid, a propósito dos capitéis corintizantes da Hispânia que “...En líneas generales, los capiteles

corintizantes no fueron utilizados en grandes edificios públicos sino que a menudo formaron parte de pequeñas construcciones, de casas privadas, peristilos o de decoración de interiores ...” (1990, p. 183 e 184).

A grande difusão que este tipo de capitel teve em todo o Império certamente se deverá quer a uma intensa e extensa divulgação dos cartões decorativos quer, essencialmente, à liberdade decorativa que estas peças possibilitavam. Com efeito, as matrizes preestabelecidas não excluem motivos indígenas, apropriações locais, modismos pontuais. O emprego dos ornamentos padronizados é, com efeito, o mais corrente ainda que não seja inusitado o aparecimento de decorações para as quais se desconhecem paralelos (FERNANDES, 1997, vol. I, p. 426). Será precisamente este o caso do capitel de Cadafais. Ainda que dois dos motivos empregues nas faces da peça sejam típicos do capitel corintizante: a palmeta e o liriforme, a flor de pétalas pontiagudas que observamos na outra face, é um ornamento verdadeiramente original.

Embora o aparecimento do capitel corintizante esteja plenamente registado durante a época de Augusto, este tipo de peças irá perdurar até aos finais do domínio romano. Para este facto terá concorrido, em grande medida, a liberdade decorativa que este tipo de peças possibilitava, longe dos preceitos mais rígidos dos capitéis tradicionais, como acima referimos. O facto de ser um dos tipos de capitel mais empregue em ambientes domésticos, o que se prende com as razões acima enunciadas, permitiu e concorreu, simultaneamente, para o sublinhar dessa liberdade decorativa.

Curiosamente será este tipo de capitel que vemos empregue no templo da *Colonia Libertinorum Carteia*, fundada em 171 a.C. e que constitui a primeira colónia latina fundada fora do território de Itália. A técnica empregue é o calcário local revestido a estuque mas, ao invés de ser utilizada a ordem canónica coríntia ou jónica, os capitéis são decorados com o motivo liriforme das hastes afrontadas.

Mas será durante a época flávia que este tipo de exemplares atrairá mais as atenções de uma população de classe média, recentemente enriquecida. Os acentuados efeitos de claro-escuro que então eram procurados, já que mais fáceis de agradar, levaram a um afastamento do carácter mais naturalista que caracterizou a produção de elementos arquitectónicos decorativos durante o principado de Augusto, evidenciado essencialmente nos capitéis coríntios e nos jónicos. Mas será, definitivamente, durante a época de Adriano que este capitel gozará das maiores preferências. O enaltecimento da época de Augusto, a importância dada à estética e ao belo, o classicismo que recupera como modelo os motivos ornamentais da época de Augusto, são razões que levaram a uma reabilitação e incremento do capitel corintizante.

O capitel de Cadafais que analisamos insere-se neste novo contexto. Os *ornamenta* empregues têm como fonte a enorme panóplia de motivos criados na época grega e helenística – como seja o caso das palmetas ou das hastes vegetalistas – mas a sua morfologia é, nitidamente, uma reelaboração posterior, que alia um esquematismo dos motivos a uma rigidez plástica, o que dificilmente se poderá aproximar ao observado quer nos originais quer, inclusivamente, durante o período de Augusto.

Pensamos que a peça de Cadafais se enquadra exemplarmente nesta nova linguagem flaviana, enquadrando-se cronologicamente no século II, talvez meados desta centúria e apresentando *ornamenta* perfeitamente vulgares e próximos de capitéis hispanos e de peças do centro do Império.

O Capitel corintizante em território nacional

Se observarmos a dispersão do capitel corintizante em território nacional verificamos uma concentração na zona centro e Sul do país (Fig. 8).

Em Beja conhecem-se sete exemplares, decorados todos eles com o motivo liriforme e apontando para cronologias que se situam entre o século II e o século IV, concretamente, quatro peças da segunda centúria, uma dos finais da primeira, um capitel do século III e outro do século IV (RIBEIRO, 1999, n.ºs 13-19). Um destes exemplares provém, no entanto, do Castro da Cola (peça n.º 14) ainda que esteja depositado na Igreja de S. Sebastião, em Beja. Um outro exemplar¹³ encontra-se na Capela de N.ª Senhora da Guia, também em Beja, e é datado do século IV (TORRES, 1993, p. 39, n.º 9), apresentando-se decorado com motivo liriforme composto por uma só haste que se eleva e que enrola, superiormente, uma roseta.

Também de Beja surge outra peça extremamente curiosa. Trata-se possivelmente de um busto encontrado em Garvão (Ourique) e encontra-se atualmente no Museu Regional de Beja (SOUZA, 1990, p. 14, n.º 13) (Fig. 9). Esta peça conserva, talhado no tardo, alguns pormenores do que poderá ter sido um capitel corintizante. Infelizmente não nos foi possível visualizar o exemplar, baseando-se o presente comentário na simples observação das imagens publicadas na bibliografia disponível sobre a peça. Desconhecemos, assim, se é possível o atual busto ter sido talhado sobre um capitel¹⁴ ainda que, independentemente desta interpretação, o facto de esse lado da peça apresentar um motivo liriforme do tipo “duplo S”, leva-nos a aproximá-lo dos capitéis corintizantes que temos vindo a analisar. Este motivo liriforme é composto por duas hastes vegetalistas que se elevam verticalmente da base e que se enrolam na parte superior enquadrando duas rosetas. Estas parecem ter sete pétalas, de terminação circular e com botão central liso relevado. Outra haste enrola-se para o exterior, talvez acompanhando o alongamento do canto do ábaco, caso se tratasse originalmente de um capitel. No meio do *kalathos* três palmetas sobre-põem-se, ainda que a primeira se integre nas da *imma folia*. O busto é datado por Vasco de Souza da época de Cláudio (SOUZA, 1985, p. 97; 1990, p. 14, n.º 13), apontando semelhanças estilísticas com um busto de Agripina Menor proveniente de Milreu. Parece-nos, no entanto, que tendo o busto sido talhado aproveitando o bloco do capitel, aquele será posterior a este. Datamos este exemplar corintizante do século II, ou de finais do século I, ainda que não consigamos precisar mais esta datação dado o desgaste da superfície e a inerente dificuldade em analisar os pormenores decorativos. Deste modo, o busto será posterior ou coevo dos finais do século I ou da segunda centúria, independentemente de se tratar ou não de um capitel reaproveitado, uma vez que a decoração que se observa se aproxima decorativamente daquele tipo de peças.

De Sines surgem-nos duas peças (ALMEIDA, 1986, p. 51). A estas peças tivemos oportunidade de nos referir em trabalho antigo, reiterando agora as considerações então expostas (FERNANDES, 1997, vol. I, p. 434- 436). Na verdade são dois capitéis corintizantes, decorados com motivo liriforme de hastes vegetais que enrolam superiormente duas rosetas, ou seja, o ornamento mais habitual deste tipo de peças. Têm a particularidade de possuírem ambos folhas lisas¹⁵, aspeto que também concorre para a sua rigidez ornamental. Atribuímos estes exemplares ao século III ou, inclusivamente, a época um pouco posterior.

Na cidade romana de Miróbriga (centro interpretativo de Santiago do Cacém) existe

um capitel de pilastra, também com decoração liriforme que se encontra datado da 2ª metade do século I. Em Mértola, no núcleo museológico da Câmara Municipal, encontra-se um capitel extremamente bem conservado, igualmente decorado com motivo liriforme (LOPES, 2003, p. 45).

Por fim, temos um capitel de Conímbriga datado de finais do século I com decoração central com o motivo do “duplo S” (ALARCÃO; ETIÉNNE; 1977, Vol. I*, p. 91; vol. I**, Planche XCVIII -1; GUTIERREZ BEHEMERID, 1992, p. 201, n° 887). Sobre este capitel, é-nos simplesmente referido que se encontrava incorporado num prolongamento de um muro do criptopórtico realizado em época visigótica (ALARCÃO; ETIÉNNE; 1977, Vol. I*, p. 168)¹⁶.

Não podemos deixar de sublinhar o carácter parcial que realizamos do capitel corintizante no atual território nacional uma vez que não foi feito até ao momento qualquer levantamento exaustivo de capitéis (QUADRO 2). Os dados que apresentamos baseiam-se apenas nas informações até agora disponíveis e de observações pontuais que se encontram longe de assumir um carácter sistemático. Este panorama é, no entanto, totalmente distinto para a região agora em apreço, delimitada pelas vias terrestres que ligavam *Olisipo* a *Emerita Augusta*, na qual levámos a cabo um levantamento sistemático deste tipo de peças (FERNANDES, 1997).

Sabemos da existência para esta área – espaço delimitado entre as vias terrestres que ligavam *Olisipo* a *Emerita Augusta* – de dezasseis capitéis corintizantes, número apreciável se compararmos com o total de capitéis romanos que se conhecem para esta parte do território atualmente nacional e que se integram nas restantes ordens arquitetónicas e suas derivações¹⁷ (Fig. 10). Uma das observações mais curiosas que será pertinente realizar é o facto dos capitéis corintizantes se espalharem ao longo das duas vias terrestres que ligavam *Emerita* a *Olisipo*. Este dado permite-nos concluir que os novos modelos, ao invés de serem imediatamente adotados por aqueles dois locais e depois divulgados a partir destes pólos para as respetivas áreas de influência, seriam divulgados quase simultaneamente ao longo do território. Este facto impele-nos a considerar a existência de *ateliers* itinerantes que, vindos da capital de província, iriam estacionando ao longo das vias terrestres, em locais que solicitassem os seus serviços.

QUADRO 2 – CAPITÉIS CORINTIZANTES EM TERRITÓRIO NACIONAL

PROVENIÊNCIA	OBSERVAÇÕES	DECORAÇÃO	CRONOLOGIA
Beja ?	Encontra-se na Igreja de S. Sebastião	Motivo liriforme	Séc. II
Beja ?	Encontra-se no Museu Regional de Beja	Motivo liriforme	Séc. II
Beja ?	Encontra-se no Museu Regional de Beja	Motivo liriforme	Séc. II
Torre da Cardeira (Beja)	Encontra-se na Igreja de S. Sebastião	Motivo liriforme	Finais séc. I
Beja	Provém e encontra-se no Largo do Tribunal	Motivo liriforme. Tipo folhas lisas	Finais séc. III
Beja ?	Encontra-se na Igreja de S. Sebastião	Motivo liriforme. Tipo folhas lisas	Séc. IV
Castro da Cola (Ourique)	Encontra-se na Igreja de S. Sebastião	Motivo liriforme	Séc. II
Garvão (Ourique)	Encontra-se no Museu Regional de Beja. Capitel gravado no tardo de um busto	Motivo liriforme	Finais séc. I / II (?)

PROVENIÊNCIA	OBSERVAÇÕES	DECORAÇÃO	CRONOLOGIA
Beja	Igreja de N ^a Senhora da Guia	Motivo liriforme	Séc. IV
Mértola	Museu de Mértola – casa romana	Motivo liriforme	Finais séc. II (?)
Sines	Museu de Sines	Motivo liriforme	Séc. III (?)
Sines	Museu de Sines	Motivo liriforme	Séc. III (?)
Santiago do Cacém	Cidade romana de Miróbriga (centro interpretativo)	Motivo liriforme	Finais séc. I
Conímbriga	Templo Flávio	Motivo vegetalista: “duplo S”	Finais séc. I

É também interessante sublinhar o facto de que, se para o atual território nacional sabemos da existência de catorze exemplares, como se pode ver no quadro anexo (Quadro 2), a sua dispersão concentra-se na região do atual Baixo Alentejo, incluindo a área costeira, facto que vem confirmar a ideia defendida por Gutierrez Behemerid de que “... la difusión del capitel corintizante afete a unas zonas muy concretas de la Península y en especial al tercio Sul de la misma” (1992, p. 215). A investigadora chega a esta conclusão pelo levantamento integral que faz da Península Ibérica, o que leva a concluir por um conhecimento deficiente da realidade da região Sul do atual território português. Pensamos, deste modo, que esta generalização terá que ser relativizada. Com efeito assinalámos em Conímbriga uma peça, bem como três exemplares em Santarém e outra na Herdade do Carvalhal (Constância), locais que se afastam geograficamente da definida por G. Behemerid. Assim, pensamos que as conclusões que a autora apresenta deverão ser relativizadas, já que justifica essa concentração de capitéis corintizantes na região Sul por ser essa, simultaneamente, a zona mais romanizada. Esta explicação parece-nos deficiente na apropriação das verdadeiras razões subjacentes à difusão deste tipo de capitel. Se para o atual território nacional contabilizamos até ao momento 31 exemplares – catorze peças na área entre as duas vias e o capitel agora em análise e dezasseis peças no restante território nacional – esse número é bastante superior ao apresentado por aquela investigadora em relação a Portugal, onde apenas cita dois exemplares: um em Conímbriga e outro em Alcácer do Sal (G. BEHEMERID, 1992, n^os 887 e 834). Pensamos, assim, que esta ideia é demasiada generalista, encerrando uma deficiente informação. As razões subjacentes, por exemplo, à grande concentração na área compreendida entre as duas vias terrestres que ligavam *Emerita* a *Olisipo* prendem-se, a nosso ver, precisamente com o facto dessas artérias funcionarem como vias difusoras.

Pensamos que os *ateliers* itinerantes terão desempenhado um papel predominante na divulgação deste tipo de peças, sendo a sua instalação em locais próximos das duas vias o motivo mais pertinente para a explicação da relevância numérica nesta área geográfica. Este dado é-nos confirmado pela existência de modelos cartonados que se verificam nesses mesmos exemplares.

Com efeito, o motivo da palmeta e, em particular, das terminações em borla dos lóbulos é uma morfologia tão distinta que somos obrigados a contemplar o emprego de cartões, os designados “skizzen” ou “musterbücher” (Gros, 1976, p. 63)¹⁸. A divulgação de modelos cartonados no império romano era uma prática corrente, sendo esta a única

explicitação para a sua repetição nos seguintes exemplares: na peça de Cadafais (Figs. 1 e 2), no capitel de Alcácer do Sal (Fig. 5), no capitel da Casa dos Bicos (Fig.6) e no de Santarém (Fig. 7).

Se procurarmos outros capitéis com idêntico pormenor, que poderíamos designar como estilo ou “tique de atelier”, encontramos uma peça em Itálica (G. BEHEMERID, 1992, n.º 835)¹⁹, que mostra semelhanças evidentes quanto ao pormenor das terminações lobulares da palmeta central mas, também, uma similitude marcante sobretudo em relação ao capitel de Alcácer do Sal. Estranho é que a autora que o publica date aquele do século III e a peça de Alcácer da centúria anterior, apesar de evidente proximidade morfológica e estilística que as duas peças evidenciam.

Considerações Finais

Pensamos ser evidente a importância desempenhada pelas vias de comunicação na divulgação de modelos e estilos decorativos. Se em outros capitéis esta ideia é menos evidente, no caso dos capitéis corintizantes ela é flagrante. O capitel corintizante desempenhou um papel importante na decoração dos edifícios de época romana. Ainda que não seja o tipo de capitel mais empregue – cabendo à ordem arquitetónica coríntia, como seria de esperar, essa predominância – a sua posição em percentagem de ocorrências não se encontra muito distante, como se pode observar no Gráfico 2. Não podemos, neste contexto, deixar de sublinhar, uma vez mais, o favoritismo que este tipo de capitel teve em contextos privados, nos quais se incluem os funerários. Apesar de desconhecermos o contexto em que este exemplar se integraria, pensamos que o mais provável será, com efeito, o do contexto funerário.

A datação que indicamos para este exemplar, o século II, integra-o nas cronologias mais habituais deste tipo de capitel, denunciando uma atividade intensa que diz respeito à produção deste tipo de peças e à divulgação dos cartões e modelos então em uso. Cadafais, à época, seria assim uma região perfeitamente integrada nos circuitos dos *ateliers* de produção deste tipo de peças, a par do que era habitual por toda a província da *Lusitânia* e da *Baetica* e, afinal, por todo o Império Romano.

GRÁFICO 2

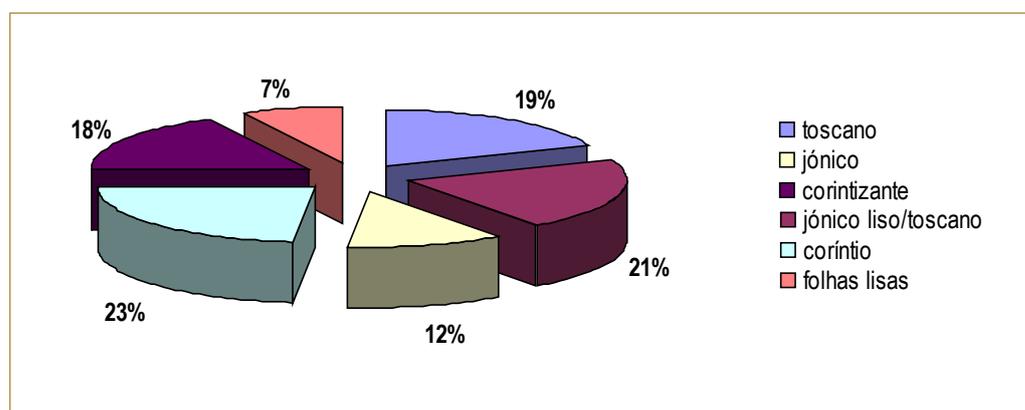


Figura 1

Perspetiva frontal do capitel corintizante que se encontra junto à Igreja Matriz de Cadafais.



Figura 2

Uma das faces frontais do capitel de Cadafais, decorado com o motivo da palmeta.





Figura 3
Uma das faces frontais do capitel de Cadafais, decorado com um motivo liriforme: hastes vegetalistas afrontadas.

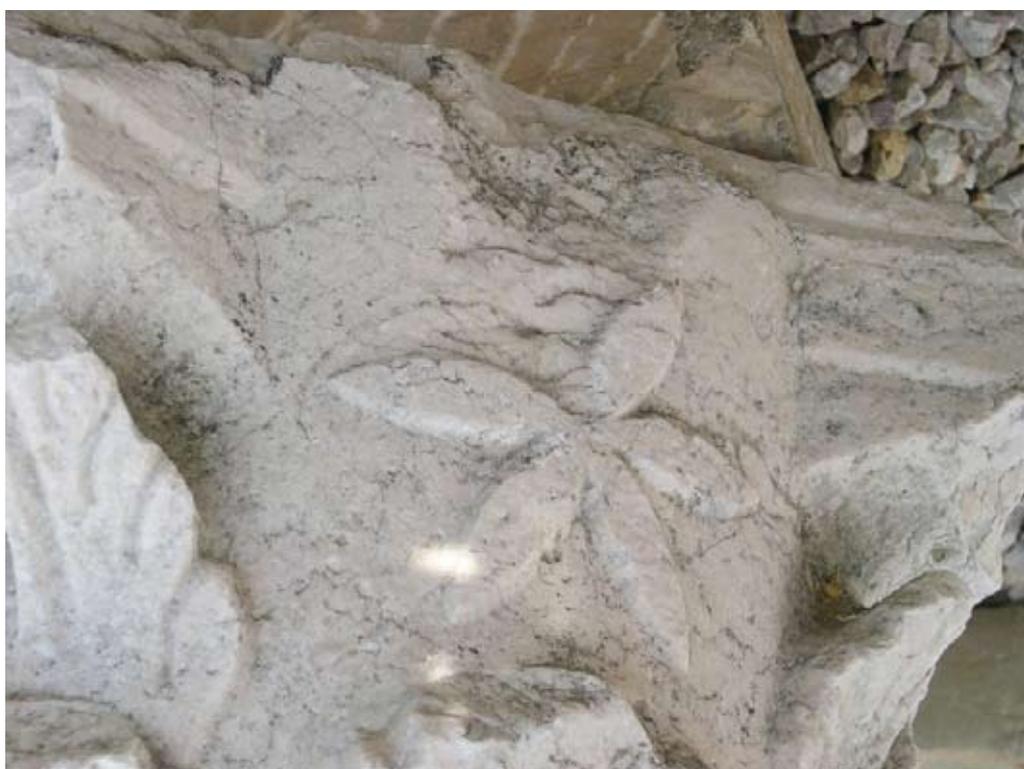


Figura 4
Outras das faces frontais do capitel de Cadafais, decorado com uma estrela.



Figura 5
Capitel corintizante
de Alcácer do Sal com
uma das faces frontais
decorada com o
motivo da palmeta.



Figura 6
Capitel corintizante
de pilasta proveniente
da Casa dos Bicos
e decorado com o
motivo da palmeta.

Figura 7
Capitel corintizante
de Santarém decorado
com o motivo da
palmeta numa das
suas faces frontais.



Figura 8
Locais onde existem capitéis corintizantes (Portugal Continental; mapa adaptado de: MATTOSO, (coord.) *História de Portugal*, vol. I, ed. Estampa, 1993, p. 258).

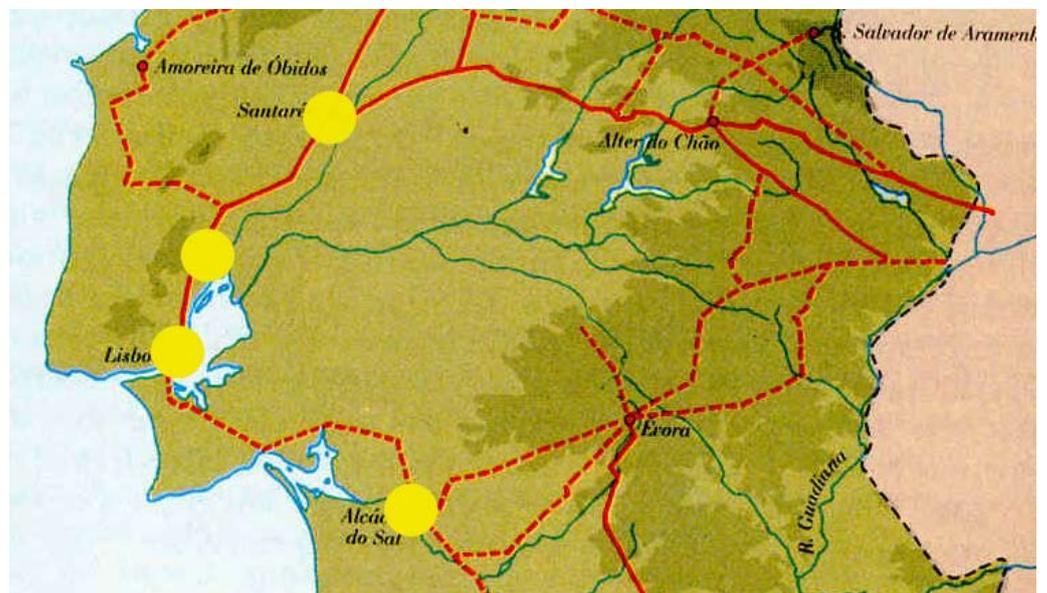
Figura 9

Busto feminino que se encontra no Museu de Beja e tardoz da mesma estátua com decoração vegetalista (SOUZA, 1990, fig. 13).



Figura 10

Sinalização dos locais onde existem capitéis corintizantes decorados com o motivo da palmeta com terminação em borla dos respectivos lóbulos. Área compreendida entre as duas vias que ligavam Emerita a Olisipo. (Portugal Continental; mapa adaptado de: MATTOSO, (coord.) *História de Portugal*, vol. I, ed. Estampa, 1993, p. 258).



BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R. (1977)** – *Fouilles de Conimbriga. VI. L'Architecture*. I*; I** Paris: Diff. E. de Boccard.
- ALMEIDA, C. A. F. de (1986)** – *História da Arte em Portugal*. Vol. 2. Publ. Alfa. Lisboa.
- CARDOSO, G. (1991)** – *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*. Ed. Câmara Municipal de Cascais.
- CARLOS M. (1993)** – *Capiteles Romanos de Corduba Colonia Patricia*. Publicaciones del Monte de Piedad. Caja de Ahorros de Cordoba. Córdoba.
- CARLOS M. (1998)** – *La Decoración Arquitectónica de Colonia Patricia- una aproximación a la arquitectura y urbanismo de la Córdoba romana*. Publicaciones de la Universidad de Cordoba. Obra Social y Cultural Cajasur. Córdoba.
- CARLOS M. (2002)** – La ornamentación arquitectónica en ámbito funerario de *Colonia Patricia*. *Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano*. D. Vaquerizo. Córdoba.
- FERNANDES, L. (1997)** – *Capitéis Romanos da Lusitânia Ocidental*. Dissertação de Mestrado em História de Arte apresentada à F.C.S.H. da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa. 4 volumes.
- FERNANDES, L. (1998)** – Elementos Arquitectónicos de Época romana da Casa dos Bicos – Lisboa. *Conimbriga*. IIª Série. N.º 38. Coimbra, p. 113-135.
- FERNANDES, L. (1998)** – Elementos arquitectónicos de época romana do concelho de Loures. *Da Vida e da Morte – os Romanos em Loures (Arqueologia)*. Museu Municipal de Loures. Quinta do Conventinho. Loures, p. 93-106
- FERNANDES, L. (2003)** – Capitéis romanos da Igreja de Stª Maria da Alcáçova em Santarém. *Revista Portuguesa*. Nova Série. Vol. XXIV. Departamento de Ciências e Técnicas do Património. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, p. 65-80.
- GRANGER, F. (1995)** – *Vituvius on Architecture*. Books I-V. Loeb Classical Library. Harvard University Press. London.
- GROS, P. (2001)** – *L'Architecture Romaine 2. Maisons, Palais, Villas et Tombaux*. Paris.
- GUTIERREZ-BEHEMERID, M. A. (1992)** – Capiteles Romanos de la Península Ibérica. *Studia Archaeologica*. Valladolid. 81.
- LOPEZ, V. (2003)** – *Mértola na Antiguidade Tardia – a topografia histórica da cidade e do seu território nos alvares do cristianismo*. Ed. Campo Arqueológico de Mértola.
- MANTAS, V. G. (1993)** – A rede viária romana do território português. *História de Portugal* (dir. João Medina). Ediclube. Vol. II, p. 313-330.
- MATTOSO, J. , (1993)** – *História de Portugal*. Vol. I. Ed. Estampa.
- PENSABEBE, P. (1973)** – *Scavi di Ostia – I Capitelli*. Istituto Poligrafico dello Stato. Vol. VII. Roma.
- PIMENTA, J. ; MENDES, H. (2007)** – A escavação de um troço da estrada romana *Olisipo-Scallabis*, em Vila Franca de Xira. In: *Conhecer o Património de Vila Franca de Xira – Perspetivas de Gestão de Bens Culturais*, Museu Municipal de Vila Franca de Xira. Ed. C.M.V.F.X, p. 163-169.
- RIBEIRO, M. A. B. (1990)** – *Capitéis Romanos de Beja*. Ed. Câmara Municipal de Beja. Beja.
- RONCZEWSKY, K. (1923)** – Variantes Libres de chapiteaux romains. *Ata Universitatis Latvianensis*. VIII. Roma.
- SAURON, G. (1979)** – Les modèles funéraires classiques de l'art décoratif néo-attique. *Mélanges de l'école Française de Rome. Antiquité*. 91. Paris, p. 193-236.
- SOUZA, V. de (1985)** – Vier Singuläre Römische Skulpturen aus Portugal. *Conimbriga*. XXIV. Coimbra, p. 97-104.
- SOUZA, V. de (1990)** – *Corpus Signorum Imperii Romani Corpus der Skulpturen der Römischen Welt – Portugal*. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra. Coimbra.
- TORRES, C. (1993)** – *Núcleo Visigótico – Museu Regional de Beja*. (Catálogo de Exposição). Ed. Museu Regional de Beja / Assembleia Municipal de Beja.

NOTAS

- 1 Arqueóloga da Divisão de Museus e Palácios da Câmara Municipal de Lisboa. Responsável científica da intervenção arqueológica do Teatro Romano de Lisboa. Mestre em História de Arte.
- 2 Gostaríamos de agradecer a amável informação do Dr. João Pimenta e do Dr. Henrique Mendes que nos deram a conhecer esta peça. É nossa intenção, de igual modo, sublinhar a enorme disponibilidade destes dois investigadores e o convite que nos endereçaram para participar na *Mesa Redonda de Olisipo a Ierabriga*.
- 3 Capitel corintizante de coluna; dimensões (cm): altura total – 41; altura ábaco – 10; dimensões ábaco – 51 X 51 (?); diâmetro da base: 39; altura da 1ª coroa de folhas – 15.
- 4 Assim designado por se afastarem da morfologia canónica das folhas coríntias.
- 5 O arranque deste ornamento apresenta, aproximadamente, uma altura de 9 e uma largura de 10 cm.
- 6 Uma das palmetas apresenta a superfície lascada, não se conservando um dos lóbulos superiores.
- 7 Sobre o traçado destas vias não nos debruçaremos, seguindo as ideias expressas sobre o assunto em MANTAS, 1993, p. 313-320; PIMENTA, MENDES, 2007, p. 163-169.
- 8 As classificações destes capitéis, que se integram em tipos arquitetónicos muito menos tipificados que os canónicos deparam-se, por vezes, de complexa definição.
- 9 Neste caso temos três fragmentos de capitéis: dois correspondem a duas metades inferiores de capitéis corintizantes (FERNANDES, 1997, n.ºs 107 e 108) e o restante (*idem*, n.º 109) corresponde a uma metade superior que encaixaria numa das outras partes. Deste modo, e para efeitos estatísticos, contaremos apenas como sendo duas peças e não como três.
- 10 Agradecemos a informação ao Dr. Clementino Amaro que nos mostrou imagens desta peça.
- 11 Para o território atualmente espanhol temos, seguindo o levantamento publicado em 1992 (GUTIÉRREZ BEHEMERID), um total de cento e vinte e um capitéis corintizantes, sendo que 49 peças possuem motivos liriformes, ou derivações deste motivo, a decorar a face livre do *kalathos*; dezassete enquadram-se no motivo do “cálice central”; vinte possuem um “motivo em duplo S”; cinco peças apresentam as volutas e as hélices a nascer dos caulículos e não apresentam cálices; quatro têm as “volutas entrelaçadas”; um exemplar tem influências da ordem compósita e, por fim, quinze peças apresentam motivos diversos no *kalathos*.
- 12 “Sunt autem, quae idem columnis imponuntur, capitolorum genera variis vocabulis nominata” (GRANGER, 1995, p. 210).
- 13 Peça não contemplada no levantamento dos capitéis de Beja realizado por Antonieta Ribeiro em 1999.
- 14 Não sabemos qual a largura da peça e por esse motivo é-nos impossível saber se de facto seria possível talhar o busto aproveitando um bloco onde, anteriormente se havia talhado um capitel. Vasco de Souza diz em relação a esta decoração vegetal do busto feminino sem cabeça que “O apoio com decoração vegetal parece indicar tratar-se de um retrato de mulher falecida” (1985, p. 97).
- 15 Carlos Alberto Ferreira de Almeida, que publicou estas peças, atribuiu-as ao séc. VII e considerou-as como visigóticas (1986, p. 51).
- 16 Não podemos deixar de mencionar uma outra peça de Conímbriga que é atribuída à época visigótica (ALARCÃO; ETIÉNNE; 1977, vol. I**, Planche LIV-2) e sobre a qual pensamos tratar-se de um exemplar corintizante decorado apenas com folhas angulares, como acontece em peças de Barcelona, Itálica, ou Tarragona (GUTIÉRREZ BEHEMERID, 1992, respetivamente n.ºs 667, 863 e 908) todos eles do séc. II ou em capitéis de Óstia (PENSABENE, 1973, n.ºs 653 e 654 do séc. III ou as peças, 658 e 660 da seguinte centúria). Apesar de não incluímos este exemplar nas presentes considerações, uma vez que não visualizámos a peça, uma análise mais detalhada poderá concluir por uma cronologia anterior ao da época visigótica.
- 17 Até ao momento sabemos da existência de mais de 120 peças para esta região demarcada.
- 18 Sobre este tema dos modelos cartonados, cf. Sauron, 1979, p. 204 e ss. e P. Pensabene, 1973, p. 189.
- 19 Em 1997 tivemos oportunidade de analisar detalhadamente esta questão (FERNANDES, 1997, vol. IV, p. 264-273).